

Permanência na universidade: um estudo sobre autoeficácia no ensino superior

Permanence at the university: a study on self-efficacy in higher education

GERSON TAVARES DO CARMO

CAIO MIRANDA CARVALHO COUTINHO

RESUMO

Este trabalho visa a apresentar as cinco condições que, segundo o sociólogo norte-americano Vincent Tinto (1999), influenciam a permanência dos estudantes na universidade, principalmente daqueles que estão chegando e durante o primeiro ano crítico, a saber: expectativa, apoio, retorno (*feedback*), envolvimento e aprendizagem. Tem por ponto de partida um projeto de Iniciação Científica realizado em conjunto com os calouros que ingressaram em 2020 no curso de Administração Pública da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf). Para descrever as cinco condições na realidade dos estudantes, utilizamos revisão bibliográfica de artigos de Tinto. Para a obtenção de dados empíricos, recorreremos à observação direta e a enquetes sobre atividades integradoras de acolhimento e acompanhamento. As atividades integradoras realizadas nos encontros com os alunos pautaram discussões sobre as relações socioacadêmicas, tais como a permanência, o trote, o primeiro ano de graduação, a importância do acolhimento e do acompanhamento. Além disso, o artigo destaca as relações socioacadêmicas que vêm sendo criadas em meio a uma situação atípica como a da pandemia da Covid-19.

Palavras-chave: Permanência; Calouros; Acolhimento; Primeiro ano crítico.

ABSTRACT

This paper aims to present the five conditions that, according to the American sociologist Vincent Tinto (1999), influence the permanence of students at university, especially those who are arriving and during the first critical year, namely: expectation, support, feedback (feedback), involvement and learning. Its starting point is a Scientific Initiation project carried out together with freshmen who entered the Public Administration course at the State University of Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf) in 2020. To describe the five conditions in the students' reality, we used a bibliographic review of articles by Tinto. To obtain empirical data, we resorted to direct observation and surveys on integrative activities of reception and monitoring. The integrative activities carried out in the meetings with the students guided discussions on socio-academic relationships, such as permanence, hazing, the first year of graduation, the importance of welcoming and monitoring. In addition, the article highlights the socio-academic relationships that have been created in the midst of an atypical situation such as the Covid-19 pandemic.

Key words: Stay; Freshmen; Host; First critical year.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A permanência é considerada um objeto de estudo recente, ganhando razoável impulso a partir de 2006, quando o pesquisador Vincent Tinto, que desde 1973 estudava a evasão, assume que “Sair não é a imagem espelhada de ficar. Saber por que os alunos saem não nos diz, pelo menos não diretamente, por que os estudantes persistem” (TINTO, 2006, p. 6, tradução nossa)¹. Desde então, uma vertente importante de pesquisas tem ressaltado a importância do estudo da permanência estudantil como meio de ampliar a visão dos pesquisadores para além dos estudos da evasão, que se orientam pelo que falta nos estudantes como um paradigma aceito sem questionamentos.

Ademais, ressaltamos que debates construídos em torno da evasão escolar, mesmo que seja uma realidade que afeta principalmente as universidades públicas, não têm alcançado resultados práticos. Daí a relevância dada à permanência, haja vista que esse é

¹ Redação original: “Leaving is not the mirror image of staying. Knowing why students leave does not tell us, at least not directly, why students persist”. O parágrafo continua, em tradução nossa: “Saber por que o aluno sai não diz às instituições, pelo menos não diretamente, o que elas podem fazer para ajudar os alunos a ficar e ter sucesso. No mundo da ação, o que importa não são as nossas teorias em si, mas como essas teorias ajudam as instituições a implementarem questões práticas de persistência. Infelizmente, as teorias atuais de abandono estudantil não são bem adaptadas a essa tarefa. Isso explica, por exemplo, o fato de que as teorias atuais de abandono/evasão estudantil normalmente utilizam abstrações e variáveis que, por um lado, são muitas vezes difíceis de operacionalizar e traduzir em formas de prática institucional e, por outro, focam em assuntos que não estão diretamente sob a influência imediata das instituições.”

um fenômeno que propicia abordagens com sentido pragmático na busca pela qualidade da educação e que, portanto, tende a se tornar pouco a pouco um foco central nas pesquisas educacionais desenvolvidas com vistas a resultados palpáveis para reduzi-la, substituindo o objeto “evasão escolar”. Ou seja, “combater a evasão” não implica “promover a permanência” porque é o inverso que se afirma como possível: “promover a permanência” implica “combater a evasão”.

É explícita na obra de Tinto a concepção de que o primeiro ano de universidade é considerado o mais crítico, devido ao reflexo da transição do Ensino Médio para o Ensino Superior. Geralmente, são jovens estudantes que assumem, em pouco tempo, várias responsabilidades sob novo convívio social e com regras diferenciadas. Assim, os dois primeiros períodos são marcados pelo ajustamento acadêmico e desenvolvimento das primeiras noções sobre sua escolha que, às vezes, foi feita sob pressão ou insegurança. Nesse sentido, apostamos na hipótese de que o primeiro contato entre calouros e veteranos com a instituição pode ser considerado de extrema importância para a continuidade desses alunos. Considerando o acolhimento como ferramenta que gera envolvimento e pelo fato de essa condição possibilitar maior chance de permanência do estudante na universidade, planejamos uma pesquisa que visou a acompanhar esses estudantes desde a primeira semana de recepção no espaço universitário.

O estudo que origina este artigo foi embasado em revisões bibliográficas sobre os seguintes temas: permanência, acompanhamento, adaptação, integração e relações socioacadêmicas. De forma panorâmica, considerando tanto o paradigma da permanência quanto o da evasão, Castro e Pereira (2014, p.15) apontam que no Brasil “(...) Elaborar um modelo conceitual adequado ao contexto nacional talvez seja o maior desafio para pesquisadores da área atualmente”. Dizem ainda: “(...) Com poucas exceções, as pesquisas brasileiras sobre evasão no ensino superior caracterizam-se por serem exploratórias e descritivas, (...) sendo que muitas vezes seu objetivo é realizar um diagnóstico pontual e específico de um curso ou uma instituição” (2014, p. 14), com o que concordamos. No momento em que escrevemos esse artigo (oito anos após a publicação do trabalho em questão), o foco mundial está debruçado sobre a permanência, sobre a persistência, sobre os envolvimento ou engajamentos dos estudantes (TINTO, 2018). Discordamos, ainda, das críticas que os autores fazem a Vincent Tinto, principalmente porque este, em 2018, delimita suas pesquisas a uma teoria da permanência — *Reflections on student retention theory* — com base em sua “virada” em 2016, quando expressa claramente a evasão como infrutífero objeto de pesquisa para as instituições de ensino superior, conforme afirma a seguir:

Infelizmente, as teorias atuais de abandono estudantil não são bem adaptadas a essa tarefa. Isso explica, por exemplo, o fato de que as teorias atuais de abandono/evasão estudantil normalmente utilizam abstrações e variáveis que são, por um lado, muitas vezes difíceis de operacionalizar e traduzir em formas de prática institucional e, por outro, focam em assuntos que não estão diretamente sob a influência imediata das instituições (TINTO, 2006, p. 6).

Após essa pequena digressão necessária, no trabalho de campo, além de promovermos atividades integradas, coletamos dados por meio das seguintes técnicas: grupo focal, questionário com perguntas objetivas e subjetivas, entrevistas semiestruturadas e fóruns de discussão envolvendo os temas citados. Nossa intenção, em longo prazo, foi mostrar e incentivar as possibilidades de desenvolver uma nova roda de costumes dentro do curso de Administração Pública da Uenf e, em colaboração com os estudantes, criar uma política de permanência no curso, apostando que isso traria benefícios e melhor aproveitamento e rendimento dentro da sala de aula, a partir de conceitos e experiências de quatro estudantes engajados em projeto de Iniciação Científica focado no tema (CARMO, 2021).

I - PRIMEIRO ANO CRÍTICO NO ENSINO SUPERIOR - O PROBLEMA DESAFIO

O primeiro ano de universidade consiste, para muitos estudantes, em um período marcado por desafios e problemas que podem levar à desistência nos estudos, o que compromete alcançar o objetivo de conclusão de curso. Os desafios já começam nos primeiros dias, pois é necessário se integrar aos novos grupos sociais e acadêmicos, superar as incertezas, sentir-se pertencente aos espaços que a instituição oferece, adaptar-se a uma nova rotina e vários outros desafios que refletem o primeiro ano de graduação e, principalmente, as primeiras seis semanas do primeiro semestre (TINTO, 1987).

1º ano crítico, segundo Tinto

Durante quatro décadas de pesquisa, Vincent Tinto trouxe grandes contribuições sobre assuntos que abordam a permanência de alunos e comunidades de aprendizagem nas *Community Colleges*² dos Estados Unidos da América (EUA). Acredita o autor que o sucesso

² Nos Estados Unidos da América (EUA), as *Community Colleges* são instituições públicas que oferecem cursos de dois anos de duração em diversas áreas. Embora não tenham o mesmo reconhecimento de um

da permanência é baseado numa melhor educação durante os primeiros períodos. Para chegar a tal resultado, as instituições devem administrar suas ações em sala de aula para que, dentro delas, possam ter meios que aumentem a possibilidade de os estudantes se identificarem com ela e seus espaços e, conseqüentemente, serem bem-sucedidos na universidade.

Em seus diversos artigos, Tinto reforça a importância de se observar os alunos no primeiro ano do ensino superior e sempre destaca as condições primordiais para uma permanência eficaz, que, em sua perspectiva, são expectativas, apoio, *feedback*, envolvimento e aprendizagem. Além dessas condições, é ressaltada a importância da amizade dentro do contexto micro da sala de aula, pois, durante o primeiro ano crítico, as experiências que surgirem em decorrência desse envolvimento podem aliviar esse período de transição, marcado por grandes mudanças e certas dificuldades. Apesar disso, Tinto ressalta que “(...) as experiências educacionais da maioria dos estudantes do primeiro ano não são de envolvimento” (TINTO, 1999, p. 4, tradução nossa)³.

Para uma permanência eficaz, é necessário esforço de todos os lados, ou seja, dos alunos, do corpo docente e da instituição. Referindo-se ao corpo docente, Tinto enfatiza a necessidade de ele se envolver mais nos esforços da permanência. Nas atribuições das instituições de Ensino Superior, o autor aponta a necessidade de se implementarem programas institucionais de permanência que promovam iniciativas voltadas para mudar as experiências dos alunos, com destaque para o crítico primeiro ano.

Condições da permanência focadas no 1º ano crítico

Consideramos que as cinco condições listadas pelo autor são suportes para a permanência dos estudantes durante o primeiro ano crítico na universidade. Quando adotadas em sala de aula, tais condições parecem fundamentais para que os alunos alcancem o sucesso acadêmico, ou seja, a permanência até a conclusão do curso.

A primeira condição é caracterizada pelas expectativas. Segundo Tinto (2012, p. 4, tradução nossa), “(...) altas expectativas são uma condição para o sucesso dos estudantes, baixas expectativas, um prenúncio do fracasso”⁴. Dessa forma, a expectativa é influenciada pelo que o corpo docente espera dos estudantes, como também pelo que os estudantes

bacharelado no Brasil ou de um “undergraduate degree” nos EUA, atendem muitos imigrantes que desejam uma formação superior.

³ “(...) the educational experiences of most first-year students are not involving”.

⁴ “(...) high expectations are a condition for student success, low expectations a harbinger of failure”.

esperam deles mesmos. Muitas vezes essas expectativas não são claras, sendo representadas por métodos implícitos, como conteúdos e avaliações, o que torna os estudantes mais inseguros. Tinto (1999, p. 2, tradução nossa) ressalta que “(...) os estudantes são mais propensos a permanecerem e se formarem com regras estabelecidas e claras acerca das expectativas em relação ao que os alunos devem alcançar”⁵.

A segunda condição é representada pelo apoio, oferecido tanto pelos veteranos quanto pela instituição. Para qualquer pessoa, o apoio é sempre muito bom e motivador para prosseguir com qualquer plano, e essa situação não é diferente dos estudantes recém-ingressos. Tinto (2012, p. 5, tradução nossa) descreve: “Uma característica fundamental de tal apoio é que ele esteja alinhado ou contextualizado nas demandas da sala de aula e assim possibilite que os estudantes mais facilmente traduzam o apoio que recebem para um sucesso na sala de aula.”⁶

A terceira condição é definida pelo *feedback*, que serve como um retroalimentador do sistema, identificando, no caso dos estudantes, se estão na direção certa, no caminho do êxito dentro da sala de aula. Tinto (2012, p. 5) destaca que “(...) estudantes são mais suscetíveis de obterem sucesso em salas de aulas que avaliam suas *performances* e frequentemente oferecem um *feedback*”⁷. Sendo no primeiro ano, a importância desse retorno ainda é maior pelo fato de os alunos estarem se adequando aos rigores e demandas do meio acadêmico e social.

Na quarta condição, Tinto (1999, p. 3) aponta para “(...) a importância da integração acadêmica e social ou para o que é mais comumente denominado como envolvimento ou comprometimento com a permanência estudantil”⁸. Quanto maior esse envolvimento — seja ele acadêmico ou social — com o corpo discente ou docente, maior a chance de se obter sucesso na sala de aula. “Uma grande variedade de estudos em várias condições e com uma variedade de alunos tem confirmado que, quanto mais os estudantes

⁵ “(...) students are more likely to persist and graduate in settings that hold high and clear expectations for student achievement”.

⁶ “A key feature of such support is its being aligned or contextualised to the demands of the classroom and thereby enables students to more easily translate the support they receive into success in the classroom”.

⁷ “(...) students are more likely to succeed in classrooms that assess their performance and frequent feedback”

⁸ “(...) the importance of academic and social integration or what is more commonly referred to as involvement or engagement to student retention”.

se comprometem com os professores, com os funcionários e com seus colegas, maior é a probabilidade de eles persistirem e se graduarem” (TINTO,1999, p. 3, tradução nossa)⁹.

A quinta e última condição diz respeito à aprendizagem como elemento necessário e útil. Desse modo, quanto mais o estudante estuda e toma gosto por aprender o que está cursando, mais valor ele dará aos estudos. Cabe ressaltar que as cinco condições devem ser consideradas de forma combinada, de modo a se reforçarem reciprocamente.

Primeiro semestre e as seis primeiras semanas do primeiro ano crítico

Desde 1987 Tinto vem destacando o período das seis semanas iniciais como o período mais complicado e crucial para a permanência do estudante na sala de aula. As primeiras semanas do primeiro semestre são marcadas pelo ajustamento ao meio acadêmico e pelo surgimento de novas relações sociais. Todavia, esse momento não é fácil para todos os estudantes que estão ingressando no Ensino Superior, principalmente para aqueles que estão fazendo a transição do Ensino Médio para a universidade. Quando não consegue se adequar a esse momento de transição, o estudante está sujeito ao abandono precoce da universidade. Segundo a perspectiva aqui adotada (TINTO, 1988), os motivos que levam à evasão dos estudantes durante o primeiro ano crítico, principalmente nas seis semanas do 1º semestre, são diferentes dos motivos que causam a evasão nos anos posteriores.

Os recém-ingressos devem receber o apoio da instituição e do corpo discente desde os momentos iniciais de recepção, visando a garantir adaptação e integração dos estudantes à nova realidade. Contudo, convém que esse apoio seja ininterrupto e não somente aplicado durante as seis primeiras semanas, pois, se a dificuldade em se adaptar pode ser transitória e momentânea para alguns, para outros pode ser um problema que aflige toda a vida universitária.

Primeiro ano de graduação durante a pandemia pelo olhar dos calouros de 2020

Diferentemente da turma 2019.1, na qual o acompanhamento dos alunos começou a partir da disciplina do projeto denominado “Administração da Autoeficácia na Sala de Aula do Ensino Superior: experimento I”, no 2º semestre de 2019 iniciamos o acompanhamento dos alunos que ingressaram em 2020.1 nos primeiros momentos do

⁹ “A wide range of studies in a variety of settings and for a range of students have confirmed that the more frequently students engage with faculty, staff, and their peers, the more likely, other things being equally, that they will persist and graduate”.

percurso universitário, em plena semana de recepção aos calouros; mas o acompanhamento acabou paralisado na primeira semana de aula, quando a instituição interrompeu as aulas presenciais com o intuito de proteger a todos e controlar a primeira onda de contágio do novo coronavírus.

A paralisação das aulas presenciais foi iniciada em março de 2020 e permaneceu em 2021, sendo que a Uenf, desde agosto de 2020, adotou as Atividades Acadêmicas Remotas Emergenciais (AAREs) como meio de prosseguir as aulas sem mais prejudicar seus alunos. Com o retorno em formato remoto, o projeto teve de se reinventar e se tornar algo mais prático e de fácil aplicação, com o intuito de coletar dados para a continuação da pesquisa.

Dessa forma, no primeiro instante, após reunião com os calouros, em novembro de 2020, os questionários se tornaram o melhor mecanismo de comunicação entre eles e os pesquisadores envolvidos, sendo aplicados dois entre os meses de dezembro de 2020 e março de 2021. Nos questionários, visávamos captar, por meio de respostas, situações que marcaram o primeiro ano de graduação do estudante, considerado crítico por Tinto (1999) e atípico devido à pandemia. Além disso, buscamos achar respostas que comprovassem a importância de se estudar, nesta pesquisa, a permanência e as condições que Tinto (1999) afirma ser o suporte para a continuidade do estudante na universidade e, conseqüentemente, o sucesso na sala de aula.

Em março de 2021, nós, bolsistas e orientador do projeto, decidimos replicar a disciplina, aplicada anteriormente com a turma 2019.1. Como experimento II, a disciplina (AARE) iniciada em 15 de março de 2021 e concluída em 05 de julho do mesmo ano foi ajustada para o formato remoto, acrescentando, assim, novos temas e dinâmicas que contribuíram para os estudos do projeto em relação à permanência.

Os encontros semanais (às segundas-feiras, com duração de duas horas) foram todos gravados. No total, realizamos 15 dinâmicas envolvendo autoavaliação, expectativas, rotina acadêmica, metas, pontos fortes e pontos fracos, Teste de Associação Livre de Palavras (TALP)¹⁰, imaginar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), potenciais, relações socioacadêmicas, emoções, mapa mental, mobilização e desmobilização. Além disso, realizamos 37 perguntas com o objetivo de indagar os alunos sobre eles mesmos, para que

¹⁰ No estudo em questão, o Teste de Associação Livre de Palavras foi utilizado a fim de obter representações sociais de palavras afins com a sala de aula, considerando que o TALP é “(...) uma técnica que, por meio de induções, consegue captar e receber informações, aparentemente ocultas ou não, e que, através de uma resposta associativa a uma imagem ou a uma palavra é possível revelar as opiniões, as personalidades”, possibilitando acesso a significados tanto óbvios quanto obscuros. (TAVARES *et al.*, 2014, p.74). ■

busquem se autoavaliar e se autoconhecer, bem como promover discussões envolvendo temas como motivação, escrita, leitura, permanência, primeiro ano crítico, pandemia e autoeficácia na sala de aula.

O resultado, como em 2019, superou nossas expectativas. Da turma, surgiram dois grupos-base formados por calouros (2020.1), que serão voluntários em novas replicações da disciplina *Administração da Autoeficácia na Sala de Aula do Ensino Superior*, além da construção, em conjunto, de novos artigos que darão continuidade ao projeto.

Somando-se o já apontado caráter crítico do primeiro ano com o cenário da pandemia de Covid-19, as metas e objetivos, que já não são muito claros para os calouros em períodos normais, tornaram-se mais difíceis de ser formulados e cumpridos. Para Tinto (2015, p. 4, tradução nossa),

No que se refere às metas dos estudantes, embora seja evidente que ter a meta de completar a faculdade é a condição necessária para a conclusão, ela não é suficiente. Isto não só porque os eventos durante a faculdade podem influenciar as metas e motivação dos alunos, mas também porque o objetivo em si pode variar tanto em caráter quanto em intensidade.¹¹

Com base nisso, durante uma das aulas, realizamos uma atividade na qual os calouros tiveram de escrever cinco metas e indicar qual seria a vantagem/facilidade ou desvantagem/dificuldade para concretizá-las. A partir das respostas, detectamos que a pandemia da Covid-19 atrapalhou, impediu ou adiou a realização de certas metas, fossem elas pessoais ou acadêmicas. Ademais, muitos relataram a frustração durante o período pandêmico, que atrapalhou os planos e projetos.

Durante a disciplina, aplicamos outra atividade com o intuito de saber como cada calouro se adaptou durante a pandemia. Muitos comentaram sobre a mudança para o ensino remoto, devido ao impedimento das aulas presenciais, e as dificuldades que surgiram por esse motivo. Foram relatadas as dificuldades de concentração, devido ao barulho causado pela família em casa, a disputa pelo único computador, entre irmãos e pais, para estudar e trabalhar, o conflito entre horários das aulas remotas e compromissos cotidianos, as falhas de conexão com a internet, e a saúde mental um pouco abalada. Apesar dessas consequências problemáticas, os estudantes também relataram pontos

¹¹ “Regarding student goals, though it is evident that having the goal of completing college is necessary condition for completion, it is not a sufficient condition. This is the case not only because events during college can influence students’ goals and motivation but also because the goal itself may vary in both character and intensity”.

positivos, como o aumento da proximidade com a família e o fato de não precisarem se deslocar entre as cidades para estudar.

Busca ativa Sisu¹² – 2021

Antes de narrarmos a busca ativa iniciada com os estudantes da turma 2021, apresentaremos alguns dados que nos inspiraram a utilizar essa noção (“busca ativa”) neste artigo. A primeira fonte foi o livro *Busca Ativa Escolar*:

Existem hoje 2.802.259 crianças e adolescentes de 4 a 17 anos fora da escola no Brasil. Garantir que cada criança e adolescente esteja na escola — e aprendendo — é, hoje, um dos principais desafios do País. Também é parte da Agenda 2030 um conjunto de programas, ações e diretrizes das Nações Unidas que devem ser implantados por todos os países nos próximos 13 anos para alcançar o desenvolvimento sustentável. (...) Batendo de porta em porta, vamos conseguir mapear os motivos da exclusão/evasão escolar. Será possível, então, implementar políticas públicas coordenadas intersetorialmente a fim de garantir o direito à educação. (...) Fazer com que cada criança esteja na escola é um dever social de cada cidadão e deve ser também um esforço coletivo. (...) A Busca Ativa Escolar cria condições práticas para que cada comunidade se engaje pelo enfrentamento da exclusão escolar. (...) A Busca Ativa Escolar entra com a metodologia e com as ferramentas tecnológicas. Você entra com o conhecimento local, o entusiasmo, a mobilização entre diferentes secretarias e áreas, e também com a certeza da importância de trabalhar para garantir o direito de aprender de cada criança e adolescente. Fora da Escola Não Pode! Cada criança e adolescente tem o direito de aprender. (PERES; BAUER, 2017, p. 6-7).

Entretanto, a expressão busca ativa tem origem em um procedimento propriamente técnico de ações de vigilância epidemiológica que

(...) passou também a denotar uma postura política de trabalho no território [em] práticas no campo da saúde, sobretudo o trabalho dos acompanhantes terapêuticos, dos Agentes Comunitários de Saúde e dos redutores de danos, sob a consigna da desinstitucionalização e da integralidade, [que] transformaram o sentido atribuído a esta expressão (LEMKE, AZEVEDO, 2010, p. 281).

¹² O Sistema de Seleção Unificada foi criado em 2010 pelo Ministério da Educação, com o objetivo de oferecer vagas em instituições públicas de Ensino Superior para quem fez o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Dessa forma, a expressão popularizou-se e, na última década, pode expressar iniciativas em qualquer campo da Saúde ou da Educação, a fim de dirimir obstáculos, sejam pessoais ou institucionais, de acesso aos direitos públicos. No contexto do projeto aqui destacado, a busca ativa consistiu em um processo cujo primeiro passo foi construir um grupo em aplicativo de mensagens que conectasse veteranos diretos (ingressantes no semestre anterior) e calouros, já visando ao início do processo de acolhimento, quebrando a timidez do primeiro contato, como meio de conhecer quem estava entrando no curso e de propiciar que os calouros conhecessem melhor o curso e a instituição.

A partir dos dados anteriores, entendemos que a nossa iniciativa junto aos calouros em seus primeiros dias pode ser considerada uma ação de busca ativa. Essa ideia nasceu da observação de um costume dos calouros de 2020 no curso de Administração Pública da Uenf: a intensa procura por informações junto aos veteranos por meio das redes sociais.

Podemos considerar essa iniciativa como o primeiro passo para o início do apoio e envolvimento tão necessários para que esses novos estudantes prossigam com os estudos até o final da graduação.

Desde a primeira turma, em 2012, até a turma de 2020, o curso de Administração Pública abre, anualmente, para o Sisu, 20 vagas, que são divididas entre cotas e ampla concorrência. No início de 2021, sabendo das dificuldades que os estudantes sofreriam para chegar à universidade, e após algumas chamadas divulgadas pela Uenf, a ideia de busca ativa se ampliou, tendo em vista que as buscas realizadas pelos veteranos 2020.1 e pelo Centro Acadêmico de Administração Pública Leonel Brizola (Caap Uenf), com apoio dos bolsistas do projeto em redes sociais, com objetivo de encontrar os aprovados na lista divulgada pelo Sisu para o curso, resultaram em somente seis matriculados no total de 20 vagas.

Com a preocupação de poucos alunos terem se matriculado, o Caap UENF conseguiu, com a Secretaria de curso, uma lista com os e-mails de todos os aprovados no Sisu para o curso, de acordo com a disponibilidade de vagas. A partir disso, o Caap, juntamente com os veteranos diretos, começou, mais uma vez, a procurar por esses estudantes, agora sendo procurados via e-mail também.

A coordenação do curso de Administração Pública também estava preocupada com a baixa procura e se juntou ao Caap, criando uma comissão de organização para um evento realizado durante todo o mês de junho, terminando no dia do Administrador Público, celebrado em 5 de julho. A programação de palestras, mesas e minicursos teve o intuito de

conquistar os recém-chegados ao curso enquanto eles aguardavam o início das aulas, o que ocorreu no mês de agosto de 2021.

As ações realizadas em conjunto resultaram em 13 calouros motivados e ansiosos para começar as aulas e engajados nos espaços que a universidade oferece, como o próprio Caap e a Empresa Júnior, que funciona no Centro de Ciência do Homem (CCH), que engloba os cursos de Pedagogia, Ciências Sociais e Administração Pública.

II - MICROPOLÍTICAS DE PERMANÊNCIA E PROTAGONISMO ESTUDANTIL: ENVOLVIMENTO, ACOLHIMENTO E ACOMPANHAMENTO

Os tópicos a seguir buscam mostrar como as cinco condições de Tinto (1999) podem funcionar como micropolíticas de permanência no contexto da sala de aula. Para isso, é necessário destacar o protagonismo estudantil, o envolvimento e o acompanhamento.

Protagonismo estudantil na criação de uma micropolítica de envolvimento, segundo o projeto Administração da Autoeficácia na Sala de Aula

Os estudantes que chegam à universidade assumem novas responsabilidades acadêmicas e pessoais, e quando não existe uma rede que tenha como objetivo envolver os alunos, buscando integrá-los à instituição e adaptá-los ao curso matriculado, esses podem começar a se isolar e a se sentir solitários. Além disso, por serem recém-ingressos em um ambiente completamente diferente do habitual, sem envolvimento com a instituição, a capacidade de estabelecer relações com novos colegas e professores também pode ficar prejudicada.

Ao abordar o assunto, Tinto (2012, 1999) considera que o envolvimento é uma condição para o sucesso na sala de aula, principalmente, em momentos de acolhimento ao recém-ingresso na universidade. Os veteranos têm papel de destaque no que se refere ao envolvimento. Dessa forma, eles devem investir em atividades que visem ao entrosamento desses jovens, possibilitando o desenvolvimento de um sentimento de pertencimento à instituição e ao curso escolhido. No entanto, as instituições também têm papel relevante. A respeito disso, Tinto e Russo fazem o seguinte comentário:

Esta pesquisa também sugere que alcançar os objetivos de maior envolvimento e realização dos estudantes só é possível quando as

instituições se movem para alterar os ambientes nos quais os estudantes são requisitados a aprender. Em vez de se concentrar apenas nos comportamentos e obrigações dos estudantes, nós deveríamos considerar mais cuidadosamente o caráter de nossas próprias obrigações para construir os tipos de ambientes educacionais nos quais os estudantes — todos os estudantes, e não apenas alguns — vão querer se envolver. (TINTO E RUSSO, 1994, p. 24, tradução nossa)¹³.

Ao destacar o envolvimento, podemos concluir a importância do protagonismo entre os estudantes dentro da sala de aula para o rendimento, o sucesso e a permanência. Daí a necessidade de se tratar o envolvimento como micropolítica de permanência e sua grande contribuição durante o primeiro ano de graduação.

Importância do envolvimento a partir da observação da turma 2020.1 do curso de Administração Pública

Envolver-se, participar, perguntar, responder ou questionar durante as aulas pode ser um grande desafio para quem não se sente preparado para esse nível de discussão com o professor. Essa intuição foi reforçada pelas respostas registradas no questionário *Acompanhamento de Calouros 2020.1*, no qual 81% do total de entrevistados se classificaram como tímidos e inseguros. Tal classificação foi explicada pelo receio de julgamento e pela crença de que essa prática existe dentro da universidade.

Durante a disciplina do projeto, percebemos como o envolvimento entre os calouros foi se fortalecendo após um período de distanciamento causado pela abrupta interrupção das aulas presenciais na segunda semana de aula. Percebeu-se ainda o surgimento de redes de apoio e a formação de grupos colaborativos, contribuindo para um maior entrosamento durante a realização das atividades.

Protagonismo estudantil na criação de uma política de acolhimento

A idealização e criação de uma política de acolhimento positiva parece muito importante para que os recém-ingressos se sintam confortáveis para se envolver e integrar, principalmente com os colegas de curso e veteranos diretos, já que, geralmente, o primeiro

¹³ “This research also suggests that attaining the goals of enhanced student involvement and achievement is possible only when institutions move to alter the settings in which students are asked to learn. Rather than focus on student behaviors and student obligations alone, we should more carefully consider the character of our own obligations to construct the sorts of educational settings in which students—all students, not just some—will want to become involved.”

contato, após a matrícula, é com esses grupos. Atualmente, o meio de acolhimento mais frequente entre universitários são os trotes.

O trote é uma tradição universitária considerada como um ritual de passagem para o Ensino Superior e marca o início da vida acadêmica. Logo, é um momento importante de descontração e sonhado por muitos jovens que têm interesse de ingressar em uma graduação. Porém, no Brasil, desde seus primeiros registros, que são do século XVIII (CAMILO, 2010, p. 5002), existem muitas críticas e opiniões controversas sobre o trote. Para alguns é um meio de interação eficiente, mas, para outros, algumas atitudes já são consideradas abusivas.

O trote está presente na maioria das Instituições de Ensino Superior (IES), públicas ou particulares. As práticas variam de um local para outro, mas quase todas praticam algumas semelhanças, como raspar a cabeça, usar tinta no corpo e pedir dinheiro na rua. Em certas instituições, o trote, considerado brincadeira por alguns, pode ultrapassar o limite, levando a cenas de práticas abusivas, de violência e até mesmo de tragédia. O primeiro registro de trote violento ocorreu no século XV, na Universidade de Heidelberg, Alemanha (REPS, 2010). A visibilidade envolvendo esses acontecimentos, no Brasil, cresceu em 1999, quando um calouro do curso de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) morreu afogado durante um trote (NAVARRETE, 1999). Mesmo após vários casos noticiados pela mídia, essas práticas ainda são recorrentes todos os anos, como um círculo vicioso que passa de veterano para calouro.

Observando a legislação brasileira, vemos que não existe nenhuma lei federal que proíba e puna especificamente exageros nos trotes. No entanto, de acordo com o Código Penal brasileiro (BRASIL, 1940), apoiado nos artigos 129 (lesão corporal), 140 (injúria), 147 (ameaça), 146 (constrangimento ilegal), o estudante que se sentir lesado durante o trote pode buscar respaldo na Justiça. As instituições que permitirem ou se fingirem de cegas diante desses acontecimentos também podem ser responsabilizadas por meio do Código de Defesa do Consumidor (CDC) ou do Código Civil (CC), caso algum aluno denuncie. Nas últimas duas décadas, as próprias IES, cientes de suas responsabilidades e visando à segurança de todos os seus estudantes, vêm adotando, em seus regulamentos internos, regras que proíbem práticas abusivas nos trotes universitários.

No Estado do Rio de Janeiro, a Lei Estadual n.º 2.538 (RIO DE JANEIRO, 1996) considera o trote vexatório ou violento como crime. Em 2013, a Lei n.º 6.436 (RIO DE JANEIRO, 2013) passou a obrigar as universidades estaduais e privadas a alertar o corpo

discente (calouros e veteranos) mediante cartazes e panfletos rigidamente regulados pela legislação, informando que o trote, com práticas violentas ou de ameaça, é crime.

Importância do acolhimento a partir da observação da turma 2020.1 do curso de Administração Pública

Em 2020, a turma recém-ingressa do curso de Administração Pública da Uenf passou por uma experiência de trote diferente em relação aos anos anteriores. Mesmo que os trotes no curso não sejam agressivos ou ofensivos, a turma 2019.1 preferiu adotar uma nova forma de receber seus calouros. Essa decisão já era unânime desde os primeiros meses de aula e se intensificou depois da disciplina do projeto *Administração da Autoeficácia na Sala de Aula: experimento I*. O motivo para essa mudança foi a pouca interação dos calouros com os veteranos do curso, em geral, e devido à necessidade de apoio no período inicial da graduação. Assim, a turma ficou muito unida, e essa união foi comentada por meio da frase de uma aluna: “A vergonha nos uniu”¹⁴.

Como meio de confirmar as expectativas da turma 2019, no segundo questionário de acompanhamento dos calouros 2020.1, perguntamos como foi a recepção feita pelos veteranos e se eles corresponderam às expectativas. Ao analisarmos todas as respostas, observamos que a maioria dos calouros ficou surpreendido com a recepção e demonstrou a importância de um bom acolhimento por parte dos veteranos. Nessa perspectiva, perguntamos a opinião deles sobre o trote universitário. Os calouros se mostraram divididos quanto a isso, mas englobaram a ideia de que o trote é algo positivo quando não passa de certos limites. Essas respostas reforçam a importância de um acolhimento marcado por momentos de integração e entrosamento, socializando o calouro à instituição e ao curso, sem a necessidade de ser abusivo, ofensivo ou violento.

Buscando testar a hipótese da importância de um bom acolhimento realizado pelos veteranos, a partir do ponto de vista dos calouros, inserimos, também no questionário *Acompanhamento Calouros 2020.1*, a seguinte pergunta: qual a importância dos veteranos quando você, calouro, chegou à Uenf? Todos confirmaram a importância de uma boa recepção, com veteranos dispostos a auxiliar nas frequentes dúvidas de quem é recém-ingresso, com atenção, receptividade e solicitude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹⁴ A vergonha a que se refere a estudante é uma timidez frente aos veteranos e ao ambiente, para os calouros novo, da universidade.

O projeto *Administração da Autoeficácia na Sala de Aula* foi iniciado em 2019 com o objetivo de alcançar resultados que, no início, eram incertos, pois não tivemos registro da aplicação de qualquer experiência desse tipo: pesquisa com (e não sobre) estudantes. No entanto, já no primeiro ano, a experiência com a turma 2019.1 ficou acima da expectativa, confirmando a importância da ideia-base do projeto, que seria fazer um estudo com os alunos, sobre os alunos e para os alunos (COUTINHO, 2021).

Em 2020, a disciplina não foi replicada devido ao início da pandemia, mas foi um período para organizarmos os dados adquiridos com a turma 2019.1. A partir disso, surgiu a oportunidade de escrevermos um livro junto a outras bolsistas do projeto, que foi lançado em 2021 com o título: *A sala de aula sob outro paradigma: ensaios sobre o permanecer de alunos, com alunos e para alunos do Ensino Superior Público*¹⁵.

Mesmo sem a replicação da disciplina, realizamos o acolhimento da turma 2020.1 na semana de recepção, na Uenf, de modo presencial, antes do início da paralisação das aulas. A partir dessa situação, o acompanhamento ficou prejudicado, e seu planejamento precisou ser refeito, tendo voltado a acontecer no fim de 2020. Devido ao caráter remoto, foi difícil conseguirmos nos comunicar com todos os 21 alunos da turma.

Em novembro de 2020, realizamos uma reunião on-line, mas poucos participaram. Então, criamos um grupo em um aplicativo de mensagens com todos os alunos, visando a informá-los sobre a pesquisa, nossa intenção com ela e a importância da colaboração deles para a continuidade do projeto. Novamente, não obtivemos muitas respostas. Antes de programarmos uma nova replicação da disciplina, visando a um primeiro contato e buscando iniciar e sistematizar os dados, criamos dois questionários, entre dezembro de 2020 e março de 2021, nos quais obtivemos respostas da maior parte dos alunos 2020.1 — estes que participariam, futuramente, da disciplina do projeto, que teve início em 15 de março e se estendeu até 05 de julho. No total, 14 dos 21 alunos participaram, sendo 13 de modo síncrono e um de modo assíncrono¹⁶.

Apesar de todos os desafios que a pandemia e o modelo remoto das aulas e das pesquisas trouxeram, novamente os resultados, até agora sistematizados, analisados e observados, foram além das expectativas. Foi um período no qual novas dinâmicas e

¹⁵ A editora possibilita o *download* do livro gratuitamente em: <https://encontrografia.com/books/a-sala-de-aula-sob-outro-paradigma-ensaios-sobre-o-permanecer-de-alunos-com-alunos-e-para-alunos-do-ensino-superior-publico/>

¹⁶ Modo síncrono pode ser entendido como em tempo real, enquanto o modo assíncrono se refere aos casos em que o(a) estudante assiste posteriormente a uma atividade gravada.

discussões foram inseridas no cronograma das aulas. Nos encontros semanais, o retorno dos alunos às aulas foi muito positivo e construtivo para todos.

É fato que a pandemia trouxe novas incertezas, adiamento de planos, adequação às metas. Tudo isso fez com que muitos alunos ficassem desmotivados e desanimados com os estudos remotos. Porém, com o decorrer dos encontros, observamos que os alunos, a partir do momento que começaram a discutir o que eles estão vivenciando, autoavaliando-se e se autoconhecendo, começaram a se envolver mais na pesquisa, tornando-se mais motivados e incentivados a continuar no curso e a falar sobre a importância da permanência, do envolvimento, do acolhimento e do acompanhamento.

Por fim, como autores deste artigo — um professor e um estudante do 4º período de Administração — fomos parceiros na pesquisa sobre calouros do curso de Administração Pública da Uenf. O professor do curso e coordenador do projeto de IC responsabilizou-se pela coesão conceitual na escrita neste artigo, concluindo que a iniciativa de pesquisa com (e não sobre) universitários calouros é tão possível quanto promissora no que diz respeito à inovação da cultura de estudo e de aprendizagem no curso de Administração Pública da UENF. Por sua vez, o aluno do 4º período do curso de Administração Pública e bolsista de IC da UENF foi o responsável pela gestão e sistematização para escrita dos dados do projeto. Dessa forma, compreendeu e valorizou os sentidos de acolher e acompanhar a turma ingressante, bem como vibrou com as leituras, práticas e participações no processo de criação de uma política de protagonismo estudantil institucional para a permanência e êxito na universidade pública.

REFERÊNCIAS

BRASIL. (1940). **Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Código Penal.** Brasília: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm . Acesso em: 20 fev. 2022.

CAMILO, Andryelle Vanessa. (2010). Do trote universitário como atentado aos direitos da personalidade do acadêmico. In: XIX ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI. Anais. Fortaleza: CONPEDI, 9-12 jun. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/fortaleza/4005.pdf> . Acesso em: 20 fev. 2022.

CARMO, Gerson Tavares do. (2021). *A Sala de Aula sob outro paradigma: ensaios sobre o permanecer de alunos, com alunos e para alunos do Ensino Superior Público*. Campos dos Goytacazes, RJ: Encontrografia. 154.

COUTINHO, Caio Miranda Carvalho. (2021). As políticas de permanência na UENF. In: CARMO, Gerson Tavares do (Org.). *A Sala de Aula sob outro paradigma: ensaios sobre o*

permanecer de alunos, com alunos e para alunos do Ensino Superior Público. Campos dos Goytacazes, RJ: Encontrografia.

LEMKE, Ruben Artur; AZEVEDO, Rosane. (2010). A busca ativa como princípio político das práticas de cuidado no território. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro: Uerj. V. 10, n. 1, p. 281-295, jan./abr.

NAVARRETE, Gonzalo. (1999). Calouro de medicina morre em piscina da USP. São Paulo: Folha de São Paulo, 24 fev. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff24029901.htm> . Acesso em: 21 jan. 2022.

PERES, Andréia; BAUER, Marcelo. (2017). *Busca ativa escolar*. Brasília: UNICEF, Instituto TIM, Congemas, Undime. Disponível em: <https://buscaativaescolar.org.br/downloads/guias-e-manuais/guia-metodologia-social-e-a-ferramenta-tecnologica.pdf> . Acesso em: 20 fev. 2022.

REPS, Renata. (2010). Fuja do trote violento. Guia do Estudante, 5 mar. 2010. São Paulo: Abril. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/fuja-do-trote-violento/>. Acesso em: 20 fev. 2022.

RIO DE JANEIRO. (1996). Lei n.º 2.538, de 19 de abril de 1996. Proíbe o trote vexatório em calouros das universidades e faculdades localizadas no Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Poder Executivo, 1996. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/rj/lei-ordinaria-n-2538-1996-rio-de-janeiro-proibe-o-trote-vexatorio-em-calouros-das-universidades-e-faculdades-localizadas-no-estado-do-rio-de-janeiro-1996-04-19-versao-original>. Acesso em: 19 ago. 2021.

RIO DE JANEIRO. (2013). Lei n.º 6.436, de 15 de abril de 2013. Altera a Lei nº 2.538, de 19 de abril de 1996, para obrigar as universidades públicas e privadas do estado do Rio de Janeiro a difundirem em seus *campi* alerta sobre o trote. Rio de Janeiro: Poder Executivo, 2013. Disponível em: <https://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/1034631/lei-6436-13>. Acesso em: 19 ago. 2021.

NEVES, D. A. B.; BRITO, R. C. de; CÓDULA, A. C. C.; SILVA, J. T.; TAVARES, D. W. da S. (2014). *Protocolo verbal e teste de associação livre de palavras: perspectivas de instrumentos de pesquisa introspectiva e projetiva na ciência da informação*. Ponto de Acesso. Salvador: UFBA. V.8, n.3 ,p. 64-79, dez.

TINTO, Vincent. (1987). Principles of effective retention. *Journal of The First-Year Experience & Students in Transition*. V. 2, n. 1, p. 35-48. Disponível em: <https://www.ingentaconnect.com/content/fyesit/fyesit/1990/00000002/00000001/art00003> . Acesso em 10 nov. 2021.

TINTO, Vincent. (1988). Stages of student departure: Reflections on the longitudinal character of student leaving. *The Journal of Higher Education*. V. 59, n. 4, p. 438-455. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00221546.1988.11780199?journalCode=uhej20>. Acesso em: 10 nov. 2021.

TINTO, Vincent (1999). Taking retention seriously: rethinking the first year of college. *NACADA jornal*. V. 19, n. 2, p. 5-9.

TINTO, Vincent. (2006). Research and practice of student retention: what next? *Journal of College Student Retention: Research, Theory & Practice*,. V. 8, n. 1, p. 1-19.

TINTO, Vincent. (2012). Enhancing student success: taking the classroom success seriously. *The International Journal of the First Year in Higher Education*. N. 3, n. 1, p. 1-8. Disponível em: <https://www.fyhejournal.com/article/download/119/120> . Acesso em: 10 nov. 2021.

TINTO, Vincent. (2015). Through the eyes of students. *Journal of Collge Student Retention: Research, Theory & Practice*. V. 9, n. 3, p. 1-25. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1521025115621917> . Acesso em: 10 nov. 2021.

TINTO, Vincent; RUSSO, Pat. (1994). Coordinated studies programs: their effect on student involvement at a community college. *Community College Review*. V. 22, n. 2, p. 16-25. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/009155219402200203?journalCode=crwa> . Acesso em 10 nov. 2021.

Gerson Tavares do Carmo

Professor associado da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf), vinculado aos programas de pós-graduação em Cognição e Linguagem e Sociologia Política, vice-líder do Núcleo de Estudos sobre Acesso e Permanência na Educação – Nucleape (IFF/Uenf).

Caio Miranda Carvalho Coutinho

Graduando no curso de Administração Pública da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf) e bolsista de Iniciação Científica.